

Literatura e diáspora portuguesa em França: a história de um “entre-deux”

Alda Maria Lentina
Dalarna University (Suécia)

alt@du.se

Resumo

A literatura da diáspora portuguesa, representada por autores como Olga Gonçalves, Maria Graciete Besse, Carlos Batista, Brigitte Paulino-Neto e, ultimamente, José Luís Peixoto, despertou, até estes últimos anos, muito pouco interesse certamente por razões ligadas ao facto de tal Literatura ser produzida por escritores recorrentemente definidos como representantes do “outro estranho” “tanto no país onde vivem como em Portugal” (Coutinho: 2004). No entanto, é porque as suas obras revelam desde já “uma dupla pertença”, uma duplicidade, que estas são capazes “de questionar e de reexaminar a identidade nacional, cultural e literária”. Assim, paradoxalmente, encontramos nestes dois temas o que parece estar irremediavelmente ligado à identidade « histórica » portuguesa, isto é, a de um povo cuja imagem jamais é definida como o da Epopeia das Descobertas mas como o do “entre-deux” e da hibridez.

Palavras chave: Emigração, etnicidade, identidade, classe e “gender”.

Resumen

La literatura de la “diáspora portuguesa”, representada por autores como Olga Gonçalves, Maria Graciete Besse, Carlos Batista, Brigitte Paulino-Neto y, últimamente, José Luís Peixoto, había despertado, hasta estos últimos

Alda Maria Lentina. “Literatura e diáspora portuguesa em França: a história de um “entre-deux”, *Cartografías del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp.392-414.

años, muy pouco interés probablemente por razones vinculadas al hecho de que se trata de una Literatura producida por escritores habitualmente considerados representantes del “outro estranho” “tanto no país onde vivem como em Portugal” (Coutinho: 2004). Sin embargo, debido a que sus obras revelan “una dupla pertença”, una duplicidad, son capaces “de questionar e de reexaminar a identidade nacional, cultural e literária”. Así pues, paradójicamente, encontramos en estos dos temas algo que parece estar irremediabilmente vinculado a la identidad « histórica » portuguesa, es decir, a un pueblo cuya imagen jamás se define como aquel de la Epopeya de los Descubrimientos, sino como el del “entre-deux” y de la hibridez.

Palabras clave: Emigración, etnicidad, identidad, clase y “gender”

INTRODUÇÃO

A literatura da diáspora portuguesa em França, representada por autores como Olga Gonçalves, Maria Graciete Besse, Diogo Conde, Carlos Batista, Brigitte Paulino-Neto e, ultimamente, José Luís Peixoto, despertou, até estes últimos anos, muito pouco interesse certamente por razões ligadas ao facto de tal Literatura ser produzida por escritores recorrentemente definidos como representantes do “outro estranho” “tanto no país onde vivem como em Portugal” (Coutinho 2004: 4). Com efeito, é através de modos narrativos e de pontos de vista diferentes que estes escritores expressam ao mesmo tempo o sofrimento provocado pelo exílio e o sentimento que o acompanha: o de “ser o outro”. Assim, paradoxalmente, encontramos nestes dois temas o que parece estar irremediavelmente ligado à identidade « histórica » portuguesa, isto é, a de um povo cuja imagem jamais é definida como o da Epopeia das Descobertas mas como o do “entre-deux” e da hibridez. Finalmente, estas representações e configurações identitárias não deixam de lembrar a “posição

Alda Maria Lentina. “Literatura e diáspora portuguesa em França: a história de um “entre-deux”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp.392-414.

semiperiférica” (Santos 2006: 212-17) de Portugal na Europa, apontada por Boaventura de Sousa Santos, a de um país marcado por uma posição intermediária e subalterna. Assim, é porque as suas obras revelam desde já “uma dupla pertença”, uma duplicidade, que estas são capazes de questionar e de reexaminar a identidade nacional, cultural e literária.

DO DESENRAIZAMENTO OU TRAUMA DO EXÍLIO

Apesar de uma emigração massiva entre 1946 e 1973, Ana Paula Coutinho constata que houve um “relativo silêncio artístico” à volta da experiência da desterritorialização¹, chegando até a falar de “abafamento” ou de “um corpus disperso, esquecido, até ignorado e menosprezado, do exílio na literatura e na arte portuguesa contemporânea.” (Coutinho 2004: 4). Ora, podemos dizer que as obras dos autores que nos propomos analisar no presente estudo² rompem com este silêncio de diversas maneiras. Como efeito, em razão da diversidade dos seus percursos³, os autores provocam um

¹ A este propósito, ver o trabalho de Isabel Vieira sobre a literatura da emigração em França e em Portugal: (2010) *Regards croisés francophones et portugais: les images des Portugais dans la littérature romanesque contemporaine (1950-2000)*. Tese de doutoramento, Paris: Université de Paris Ouest – Nanterre la Défense.

² Obras citadas no presente estudo: Olga Gonçalves, *Este verão o emigrante lâ-bas*, Moraes editores, Lisboa, 1978 (VEL); Maria Graciete Besse, *Nas margens do Exílio*, Publicações Europa-América, Lisboa, 1993 (ME); Maria Graciete Besse e Diogo Conde, *Entre o país e o longe*, Editorial Escritores, Lisboa, 1995 (EPL); Carlos Batista, *Le poulailler*, Albin Michel, Paris, 2005 (P); Brigitte Paulino-Neto, *La mélancolie du géographe*, Grasset, Paris, 1994 (MG) e José Luís Peixoto, *O Livro*, Quetzal Editores, Lisboa, 2005 (L).

³ Sobre este assunto, lembramos aqui o artigo de Ana Paula Coutinho intitulado “Ficções de luso-descendentes e identidades híbridas”, in *Cadernos de literatura*

cruzamento de olhares e contribuem para a escrita de uma história da e/imigração portuguesa. É justamente através da pluralidade de perspectivas e de expressões que eles erigem um corpus vibrante, capaz de desconstruir a “rasura simbólica” (Coutinho 2005: 79), aludida por Ana Paula Coutinho, e de que sofre a literatura de emigração portuguesa tanto em Portugal como em França.

Este corpus merece atenção pelo simples facto de explorar a “ferida” deixada pela experiência da emigração⁴ nos emigrantes, mas igualmente na sociedade portuguesa. Ele torna o sofrimento dos emigrantes tangível e concreto, dizendo o sentimento do exílio de si próprio dos que se aventuram para além das margens do seu país. A partir desta ideia, e como afirma Sílvio Renato Jorge a propósito da obra de Olga Gonçalves *Este verão o emigrante là-bas*, começa “uma antiopéa do exílio” (Jorge 2009: 78), revelando a “margem da História” (*Ibid.*: 12) portuguesa. O afundamento do povo emigrante pelas margens da História portuguesa tem início, nos romances, na manifestação de várias violências através das quais os seres vão perdendo a sua essência e dignidade humana. Este movimento começa com um despojamento corpóreo, desembocando finalmente numa perda de identidade. Com feito, no início destas histórias de

Comparada 8/9: Literatura e identidades, Orgs. Ana Luísa Amaral, Gonçalo Vilas-Boas, Rosa Maria Martelo. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 2003, p. 27. [Disponível <http://ilcml.com/Var/45ddce0fb9370.pdf> - última consulta 20/09/2015].

⁴ Este aspecto é desenvolvido por Eduardo Lourenço quando observar que: “Se a emigração é uma ferida, e mesmo se, num certo sentido, faz parte do nosso destino desde o século XVI, a chaga que ela representa não encontrou uma voz à sua medida. Talvez porque o que designamos como o povo emigrante era o que, em sentido próprio e figurado, não tinha voz” (Lourenço 2004: 47).

Alda Maria Lentina. “Literatura e diáspora portuguesa em França: a história de um “entre-deux”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp.392-414.

emigração há o “adeus” para quem fica e quem parte, prolongado depois pela violência sofrida durante as longas caminhadas pela noite e pelas montanhas afora, à espera do momento propício para passar clandestinamente as fronteiras espanholas. Mas há outras violências, mais insidiosas e indeléveis. Assim, o narrador de *Le poulailler* de Carlos Batista, António Alves, evoca a errância do pai e dos seus companheiros nas montanhas espanholas dizendo que: “les passeurs espagnols decidaient de quand ils feraient passer les “peaux” portugaises de l’autre coté de la frontière.” (Batista, 2005: 109). A referência ao conjunto dos emigrantes como “peles de contrabando”, não deixa de revelar uma forma de desumanização e reificação do candidato à emigração para França. Esta primeira violência ontológica marca os primórdios de uma errância identitária. Cada emigrante já não é dono de si próprio, acabando por perder a sua individualidade, confundindo-se com uma massa mercantil indistinta. Além disso, veremos que, como indica o narrador, quando os emigrantes chegam à França, esta chegada assemelha-se a uma navegação mal sucedida, travessia durante o qual eles ficam despojados de si mesmos:

En arrivant en France, les chaussures percées, ses vêtements en loques, mon père ressemblait au pavillon d’une caravelle revenant des Indes. Mais au lieu de déposer leur cargaison de peaux clandestines aux adresses prévues, [...] ils (les) parachutaient dans des terrains vagues aux portes de Paris. (Batista 2005: 112)

No final da sua viagem o pai é assimilado a um mero vagabundo sem identidade, sem direitos, condenado a viver nas margens de Paris : “(Mon père) se retrouvait, à trois heures du matin, largué près d’un rond point à Bobigny, sans un sous, sans un mot, le

ventre creux, l'esprit vide [...]” (Batista 2005: 112). Em muitas figuras de emigrantes, encontramos um idêntico sentimento de vazio, ligado à perda de referências e provocado pela confrontação com uma realidade diferente da que esperavam. Assim, muito ironicamente é-nos dito que, depois deste longo périplo difícil, o pai acaba por chegar a “son Eldorado de baraquês en tôles boueuses fréquentées par les rats. Un poulailler.” (Batista 2005: 113). O contraponto irónico oferecido pelas palavras “ratos” e “galinheiro” ao termo “Eldorado” revela uma triste e cruel realidade vivida pelos imigrantes. Com efeito, o “là-bas⁵” idealizado em terra prometida, torna-se realidade outra, um “aqui” disfórico, delimitado por terrenos baldios, organizado em barracas nas periferias da capital francesa. Pois, o “aqui” francês chega a ser realidade indizível, como o deixa pensar a narradora de *Este Verão o Emigrante là-bas*: “Há quinhentos anos buscavam-se as espécies, fazenda, tapetes de arabescos. Era outro mexer, distintas formas de mercancia – os passos, os afazeres de que não sei falar” (Gonçalves 1978: 76).

Logo, no romance de Maria Graciete Besse e Diogo Conde, *Entre o país e o longe*, a aventura francesa não tem nada a ver como a aventura das Descobertas. A realidade e o quotidiano franceses tornam ainda mais longínquos os “sonhos” de uma vida melhor imediata. As ilusões e os sonhos ficam ainda mais distantes: “Ao chegarem a França, perderam o cheiro da terra nos sobressaltos da nova vida. Os sonhos que traziam, tiveram de esperar à beira de uma

⁵ “Là-bas, disaient certains revenus au village pour les vacances, nous gagnons plus en une semaine que vous en une année. Là-bas tout n'était qu'abondance, même la pluie y tombait en pièces d'or ; il suffisait de s'y rendre pour en ramasser. Tandis qu'au Portugal, après trois décennies de régime catholico-militaire, il pleuvait des faux et du fiel.” (Batista 2005: 106-7).

auto-estrada em construção, muitos deles ficaram para trás, dissolvidos para sempre na poeira dos *chantiers*, no sacrifício de cada dia.” (Besse e Conde 1995: 62). Termos como “galinheiro” ou, aqui, “poeira dos *chantiers*” (obras), apontam, na maioria dos casos, para a desqualificação social, associada a exploração sofrida pelos imigrantes, mas também para uma marginalização na sociedade francesa em que se querem integrar. Neste contexto, a pergunta pungente do geógrafo, personagem emblemática de *La mélancolie du géographe* de Brigitte Paulino-Neto, torna-se mais que válida: “Qu’advient-il quand les aventuriers accostent aux rives du réel et quelle aberration découvrent-ils sinon que l’humanité ne fait qu’un, que chacun, partout, où qu’il soit, est pareil ; [...] qu’ailleurs, le monstrueux n’est pas divers d’ici [..].” (Paulino-Neto 1994: 152). No romance *Le poulailler*, é precisamente através das temáticas da monstruosidade e da inumanidade do Eldorado francês que encontraremos uma resposta a esta pergunta. A realidade e a brutalidade, vividas pelo jovem António Alves e seus pais, encontram-se reflectidas no microcosmo do galinheiro que a criança elegeu como terreno de jogo. No galinheiro, a criança reproduz os comportamentos violentos do mundo dos adultos sobre as galinhas. Este espaço representa um microcosmo em que António imita os jogos de poder inscritos nas estruturas da sociedade francesa, a casa dos patrões/ o galinheiro português, a fina flor da sociedade “a família dos Chantepins” versus a escória desta sociedade: “les Portos”. Este movimento desdobra-se noutra dicotomia, a do “lá cima” / “lá baixo”. Assim, ao falar da sua mãe, António repara como: “Là-haut, son ardeur emplissait la cuisine et le salon. En bas, son entrain diminuait, elle se réfugiait dans ses napperons, sans doute en pensant encore à son là-haut.” (Batista 2005: 28). Aqui a divisão e

Alda Maria Lentina. “Literatura e diáspora portuguesa em França: a história de um “entre-deux”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp.392-414.

separação dos espaços aponta para a hierarquização estrutural do espaço social francês, fazendo emergir na criança uma consciência aguda da condição de imigrante e da subalternidade que constitui a identidade dos seus pais. No romance, é na figura do pai que esta consciência dolorosa da subalternidade será expressa, isto através da imagem do destino do “soldat colonisateur, qui aurait à subir celui de cerf colonisé” (Batista 2005: 115). Por outro lado, não é por acaso que, nos olhos da criança, o pai seja visto como “un coq assaillit de fourmis, mordu jusqu’au sang. Une douleur qui après tant d’année d’exil, au lieu de l’abattre, l’exaspère.” (Batista 2005: 23). Através desta imagem é sublinhada o dilema inextricável sofrido por muitos emigrantes. Julia Kristeva nota que:

(...) L’étranger (...) se heurte en France plus qu’ailleurs à un écran. (...) Cet état de choses peut susciter chez l’étranger deux attitudes opposées. Ou bien il essaie à tout prix de se confondre avec ce tissu homogène qui ne pas d’autre, de s’y identifier, de s’y perdre, de s’assimiler ; (...). Ou bien il se replie dans son isolement, humilié et offensé, conscient du terrible handicap de ne pouvoir jamais être... un Français. (Kristeva 1988: 58)

Assim, não podemos deixar de ver no pai de António Alves, um exemplo do “bom português trabalhador” em França, transformado em verdadeiro déspota, violento e monstruoso, em casa, a contra-imagem do eterno “outro” rejeitado e explorado. O resultado desta falha/ferida identitária será expressa pela personagem masculina de *Nas margens do Exílio*, que apesar de ter chegado à França em criança sofre de uma lancinante deriva identitária, expressa por frases como: “Era um homem na fronteira do vazio, um homem acabado” (Besse 1993: 93).

Alda Maria Lentina. “Literatura e diáspora portuguesa em França: a história de um “entre-deux”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp.392-414.

NEM DAQUI, NEM DE LÁ...

Assim, o sentimento de vazio de que sofrem muitas figuras de imigrantes, relaciona-se estreitamente com um outro sentimento, o de “não-pertença”. Na mesma ordem de ideias, podemos observar que o imigrante é uma figura do “entre-deux⁶” e que, por extensão como afirma Pierre Bourdieu, não é cidadão, não tem “lugar certo” na sociedade e, sendo assim, não faz parte do Mesmo nem do Outro⁷.

Nos romances, reparamos que apesar dos longos anos de vida e de trabalho em território alheio, os portugueses imigrados não passam de figuras do provisório sempre em trânsito. Esta ideia é claramente expressa pelo constante desejo de regresso a Portugal, cuja consagração culmina na construção de uma casa. Maria Graciete Besse indica que:

Para os emigrantes, a casa funciona como um objecto discursivo que conta uma epopeia, que condensa uma errância espacial, que organiza redundâncias cuja função espectacular é evidente. Tanto o excesso de presença, a sobrecarga decorativa, como a obsessão combinatória das roupas e do calçado, revelam na verdade uma

⁶ Este conceito, desenvolvido por Daniel Sibony, é definido nestes termos: “L’entre-deux est une forme de coupure-lien entre deux termes, à ceci près que l’espace de la coupure et celui du lien sont plus vastes qu’on ne croit ; et que, chacune des deux entités a toujours déjà partie liée avec l’autre. Il n’y a pas de *no man’s land* entre les deux, il n’y a pas un seul bord qui départage, il y a deux bords mais qui se touchent ou qui sont tels que les flux circulent entre eux.” (Sibony 1991: 11)

⁷ No seu prefácio ao livro de Sayad, Bourdieu explica que “[...] l’immigré est atopus, sans lieu, déplacé, inclassable. [...] Ni citoyen ni étranger, ni vraiment du côté du Même ni totalement du côté de l’Autre, l’immigré se situe en ce lieu ‘bâtard’ dont parle aussi Platon, la frontière de l’être et du non-être social.” (Sayad 2006 : 13).

falha, um desajuste entre identidade e alteridade que o discurso das personagens apenas sugere.” (Besse 1999: 10).

Ora, esta “não-inscrição” no espaço francês não deixa de lembrar uma ideia desenvolvida por Julia Kristeva quando afirma que: “Une blessure secrète, souvent inconnue de lui-même, propulse l’étranger dans l’errance. Ce mal-aimé ne la reconnaît pourtant pas : le défi fait taire chez lui la plainte. [...] Le rejet d’un coté, l’inaccessible de l’autre [...]” (Kristeva 1988: 14). Pois, a dureza das situações vividas é constantemente atenuada/adiada pela noção de desafio, prolongada por uma forma de realização que passa pela aceitação silenciosa do sacrifício. Contudo, observamos que esta tensão angustiada aflora sobretudo noutras personagens que já não são imigrantes, ou seja, nos luso-descendentes. A personagem de António, no romance de Maria Graciete Besse *Nas margens do Exílio*, é aqui muito emblemática. Este é filho da chamada “primeira geração de imigrantes portugueses” em França e, numa passagem em que evoca a sua infância, lembra-se da voz da mãe e da mensagem de abnegação que esta lhe transmitia ⁸. Aqui, a expressão “ultrapassar a si mesmo” lembra de imediato “o desafio” apontado mais acima, porém vemos que no caso de António este desafio é contradito pela visão de um ser fracassado: “era aquilo a sua vida: 53 anos, 28 dentes e muitos sonhos à deriva” (Besse 1993: 21). Muito simbolicamente, a ideia de uma “identidade fracassada” em perpétuo confronto com os seus “sonhos”, prefigura uma verbalização concreta do “queixume” reprimido pela geração dos pais imigrantes. No romance, a ideia de

⁸ “Nunca devemos baixar os braços, António. (...) Devemos sonhar sempre com o impossível e acreditar que ele um dia se realizará. (...) Essa voz como um impulso, como uma obrigação de se ultrapassar a si mesmo, para recompensar a mãe de tanto esforço, de tanta luta.” (Besse 1993: 20).

verbalização do reprimido é amplificada pela reiteração da frase: “eu sufoco”. Assistimos então, em várias figuras de luso-descendentes, a um verdadeiro retorno do recalado. Paradoxalmente, embora não tenham vivido o destino dos seus pais, estes são capazes de dizer o mal-estar, os sonhos sempre adiados e, por vezes, uma “não-pertença” que articula a sua existência. A partir daí, certas personagens acabam por ultrapassar esta situação, produzindo identidade diaspórica, revelada, segundo Paul Gilroy, por uma “consciência dupla” (Gilroy: 2000). Ora esta “consciência dupla” emerge no momento em que os filhos de imigrantes tomam consciência de que já não podem ser nomeados “imigrantes”, porque, por extensão, nunca “emigraram”, e, por outro lado, de que não pertencem completamente ao mundo do “Mesmo”. Neste sentido, os filhos dos imigrantes tornam-se os “filhos ilegítimos⁹” da sociedade francesa, como observa Abdelmalek Sayad. Pois, estes “filho de ...” estão inscritos num “entre-deux” existencial inextricável, porque estão impregnados pela cultura do país no qual foram educados, e sofrem da incompreensão dos pais (Sayad: 2006). O exemplo mais pungente de luso-descendente preso num “entre-deux” encontra-se no romance *Le poulailler*, na figura da criança António Alves. De certa forma, António revela esta “consciência dupla” quando entra em conflito com o modelo imposto pelo pai. Pois, na lógica paterna, a criança deveria participar do seu esforço de “acumulação do pecúlio”, uma situação que António viveu como uma “amputação de si-mesmo” (Batista 2005: 37), sinal de que:

⁹ Título do terceiro volume do livro de Abdelmalek Sayad, *L’immigration ou les paradoxes de l’altérité*. 3. *Les enfants illégitimes*, Raisons d’Agir, Paris, 2006.

Alda Maria Lentina. “Literatura e diáspora portuguesa em França: a história de um “entre-deux”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp.392-414.

Mon rêve devait être le sien, faire de l'argent, construire une maison au pays, pour aussitôt repartir là où je me sentirai à mon tour en exil. Je devais vivre cagoulé, menotté à la matière, et traîner mon corps en guillotiné de l'esprit. [...] Tout loisir non manuel était suspect, à part bien sûr, remplir la papperasse. (Batista 2005: 87)

O que está exposto aqui é um conflito entre o que é valorizado pela “cultura” dos pais (e dos imigrantes) e o que é valorizado pela cultura francesa, revelando uma espécie de incompatibilidade entre as duas culturas. As dicotomias matéria/espírito e manual versus saber ler e escrever concretizam esta ideia. O conflito entre as duas culturas agrava-se, com outras implicações, quando o luso-descendente evoca a sua relação ambígua com a língua materna dos pais: o Português. É de notar que tanto Miguel, no romance *Entre o país e o longe*, quanto António em *Le Poulailier*, revelam o menosprezo ou a rasura de que sofre a língua portuguesa em França¹⁰. Por exemplo, em *Le poulailier*, o Português é uma língua estranha, silenciada, sem existência porque “não aparece nos livros”, uma ausência associada rapidamente a um complexo de inferioridade:

À l'école, j'apprenais le français comme les autres, j'apprenais une langue respectable. Tandis que la langue de mes parents trahissait leur condition de serviteurs j'en avais honte. Une déchéance confirmée par le fait qu'elle n'était pas enseignée au collège comme l'espagnol ou l'anglais. Une langue à part, ne menant nulle part. (Batista 2005: 17-8)

¹⁰ “Aos quinze anos, procurou a língua deles nos livros, mas não encontrou. A distância que os separava era imensa, feita de rumores de diferença, de sentires dispersos que se acumulavam no silêncio.” (Besse e Conde 1995: 62).

Alda Maria Lentina. “Literatura e diáspora portuguesa em França: a história de um “entre-deux”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp.392-414.

Frente ao silêncio e à rasura da língua materna, imposta pela cultura dominante, podemos evidenciar dois modos de existência divergentes escolhidos pelos figuras de luso-descendentes. Em primeiro lugar, há uma tentativa de se conformar à cultura do “Mesmo”, através de um processo de imitação, apontada pela ideia da “máscara” ou do “fato” que se veste. Assim, várias passagens evocam personagens que se “exercitam a ser o outro”, revelando uma forma performativa da identidade do “Mesmo”: “avec mon costume et mes faux papiers attestant de solides revenus, j’avais toutes les chances de passer pour un sur-Français (...).” (Batista 2005: 114). Uma atitude que para António vai desembocar na impressão lancinante de nunca estar à altura e de uma fragmentação identitária, indicada por expressões como: “Me déconstruire pour paraître” (Batista 2005: 92). Este movimento vai ser prolongado pela referência à uma identidade de “impostor” (Batista 2005: 30), apontando, em definitiva, para uma “hibridez” falhada. Ora não é por acaso que a personagem confessa esta falha utilizando a metáfora sexual: “(...) mais moi le Portugal que je fuyais, ce n’était pas le Portugal que fuyais, c’était mon impuissance ; (...), ce n’était ni la France ni le Portugal, mais ma propre virilité, la force de pénétrer l’autre.” (Batista 2005 : 116).

Em contrapartida, outras figuras de luso-descendentes adoptam atitudes diferentes e expressam uma consciência profundamente trânsfuga e híbrida, recusando aquela marca de inferioridade social imposta pela sociedade francesa. Uma marca que a autora luso-francesa Brigitte Paulino-Neto considera ser, em relação aos “filhos dos imigrantes portugueses” nomeados os “Portos”, uma “espécie tatuagem profunda”, que denuncia a filiação e se revela como uma “marca absurda” e “indelével” (Paulino-Neto 2003: 18). Podemos aqui evocar a jovem Alice Vale, que recusa ser vista como

“subalterna” ou como “portuguesa”, uma recusa assinalada pelo lenço “grifado” que ela ostenta com orgulho quando vai trabalhar nas limpezas com a mãe. Mais tarde, haverá por sua parte uma vontade emancipadora que passa pela procurar da “liberdade de movimento, espaço para viver como um rapariga da sua idade” (Besse e Conde 1995: 78) ou ainda, por uma forma de liberdade sexual, símbolos de um viver diferente. No mesmo romance, encontramos uma expressão mais acabada de “identidade híbrida” no seu irmão. Pois, Miguel revela a sua ambivalência ao dizer que “Descobria que nunca tinha sabido concretamente a que espaço pertencia (...). (Besse e Conde 1995: 153-4). Este espaço indefinido em que a personagem se inscreve, é emblemática da identidade “híbrida” de muitos luso-descendentes nos romances, mais precisamente do que Homi Bhabha qualifica de “espace-tiers” (Bhabha 2007: 287) porque “já não (são) portugueses nem franceses” (Besse e Conde 1995:40). Se a frase da personagem citada mais acima pode ser ambígua em si, o próprio percurso da personagem aponta para um tentativa de reconciliação consigo próprio, indicada pela sua vontade de não ser “o Outro”, nem “o Mesmo”, querendo simplesmente ser diferente¹¹. Todavia, a vontade de mudança e de pertencer a uma “outra raça”, não leva a personagem a menosprezar ou a desvalorizar a “raça” à qual pertencem os seus pais. Pois, ele acaba por sentir que: “(...) o seu diploma pouco significava perante a experiência que o pai tinha adquirido na escola da vida.” (Besse e Conde 1995: 62).

¹¹ “Também ele pertencia à mesma raça. No entanto, trazia no bolso um diploma que lhe segregava o sinal de uma mudança, o direito de aceder a outro mundo. Mudar de espaço social; para pertencer a outra raça, onde os homens não precisam de curvar a espinha.” (Besse e Conde 1995: 44).

OS “FIDALGOS”, OS “FRANCIÚS” E OS “ABECS” OU O ENIGMA DE UMA SOCIEDADE PORTUGUESA PARADOXAL

É de notar, no entanto, que a valorização da experiência da emigração expressa mais acima e, por extensão, da figura do e/imigrante, distancia-se radicalmente do que acontece na realidade, tanto em França como em Portugal. Com efeito, caberia aqui questionar as razões pelas quais, para os portugueses que não emigraram, tanto a “hibridez” dos filhos dos imigrantes como as marcas de mutação dos emigrantes, deixadas por uma cultura outra, são interpretadas como os signos de uma “alteridade” insuportável, espécie de indelével traição à Pátria. Pois, ao saírem de Portugal, os emigrantes parecem ter desobedecido a uma injunção feita pela mãe Pátria. Assim, não é por acaso que o romance *Livro* começa com uma cena inaugural de abandono. Ilídio, criança de seis anos, é abandonado pela mãe quando esta resolve fugir à miséria e emigrar sozinha para França. Ora, muito simbolicamente, ela deixa-lhe, como únicos legados, um livro e uma injunção: “Fica aqui. Não saias daqui” (Peixoto 2005: 17). Não podemos deixar de ver nesta injunção materna, o eco das ideias veiculadas pelas elites portuguesas, às quais Ana Paula Coutinho alude quando afirma que à exaltante imagem de Portugal das descobertas, até à de Portugal colono “simbolicamente compensadora”, “já a fuga à miséria, a falta de perspectivas de sobrevivência ou de ascensão, (...) nunca atraíram nem prestigiaram ninguém, a começar pelo Poder da Nação que assim via expostos e denunciados os sinais do seu subdesenvolvimento – marcas indeléveis de injustiças e de fracasso colectivo.” (Coutinho 2005: 79).

Nos romances, há sempre uma correlação implícita entre o “fracasso colectivo” e o movimento hemorrágico da emigração portuguesa, revelada principalmente através da temática da miséria.

Alda Maria Lentina. “Literatura e diáspora portuguesa em França: a história de um “entre-deux”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp.392-414.

No entanto, reparemos como no romance, *La mélancolie du géographe* de Brigitte Paulino-Neto, surge um testemunho raro deste “fracasso colectivo”, verbalizado pela figura emblemática do geógrafo, ou seja, por aquele que ficou. No nosso entender, a escolha de um professor de geografia português como protagonista do romance, é aqui fortemente motivada. Pois, por razões ligadas a sua profissão, este é capaz de manifestar a asfixia e a imobilidade nas quais se debatem os que decidiram permanecer para cá das fronteiras portuguesas¹². Em definitiva, a metáfora da exploração geográfica, associada ao acto de escavação dos estratos do território mental português, reenvia para a perscrutação dos fundamentos da identidade portuguesa, na qual o “ser português” fica irremediavelmente aglutinado à questão histórica da “heroicidade” das viagens marítima e, finalmente, a uma visão mítica da identidade portuguesa, inscrita essencialmente na utopia do Sebastianismo¹³. Sendo assim, não é de admirar que o

¹² “Pour cela, je suis devenu géographe. Parce que le géographe est un homme égaré. [...] c’est celui qui ne craint pas de dire qu’il est désorienté, d’avouer sa prédisposition à partir sans se déplacer, [...] à dire que, sans bouger, il est perdu, à déclarer qu’il lui faut des repères. [...] Je suis devenu géographe dans un pays à peine plus vaste qu’une chambre à coucher d’enfant, pays à forme de berceau, étroit comme un tombeau, dont le territoire suffit à peine pour y mettre ceux qu’on aime [...]. Plus je décortiquais les strates, m’appuyant de toutes mes forces sur le fondement géographique, [...] plus je dévoilais les failles, des faiblesses, un défaut de consistance et plus je soupçonnais qu’à l’origine des conquêtes, des Découvertes, de l’expansion maritime, il y avait eu ce sentiment d’incomplétude, d’inconsistance, de vacuité, que mon désir obsessionnel de géographie s’obstinait à vouloir masquer.” (Paulino-Neto 1994: 141-147).

¹³ O romance de Maria Graciete Besse e Diogo Conde, *Entre o país e o longe*, é o único do corpus a explorar explicitamente a questão do Sebastianismo na sua relação complexa com a identidade portuguesa. Pois, a personagem do Tio Sebastião, constantemente aludida como portadora de um sucesso futuro, acaba por se tornar

lúcido geógrafo português acabe por desvendar esta “falha” identitária portuguesa, afirmando “(...) la conviction, patiemment forgée par des années d’enseignement, qu’en réalité, ce pays n’était qu’un mirage, une vue de l’esprit, une illusion d’optique.” (Paulino-Neto 1994: 148-9). A denúncia desta “vacuidade identitária”, inerente ao país, ecoa estranhamente com as hipóteses lançadas por Boaventura de Sousa Santos sobre a condição semiperiférica de Portugal na Europa. Efectivamente, a lucidez do geógrafo poderia servir de contraponto a uma crítica feita pelo sociólogo às elites portuguesas, isto é, uma “atitude hostil à razão crítica” estimulada por um “excesso mítico de interpretação”, ou seja, “um mecanismo de compensação do défice de realidade, típico das elites culturais restritas, fechadas no brilho das ideias” (Santos 2013: 59). Ainda segundo o autor, este “défice de realidade” nas elites é revelado pelo facto de que “Portugal, ao contrário dos outros povos europeus, teve de ver-se em dois espelhos para se ver, no espelho de Prospero e no espelho de Caliban, tendo a consciência de que o seu rosto verdadeiro estava aglues entre eles.” (Santos 2013: 157).

Ora, esta temática do duplo espelho, em que a sociedade Portuguesa tenta encontrar o reflexo de seu verdadeiro rosto, parece-nos fundamental para analisar a literatura da diáspora portuguesa e, sobretudo, o lugar paradoxal do emigrante na sociedade portuguesa. Com efeito, é de notar que os romances apresentam vários jogos de reflexos entre a figura do emigrante e a do português. Este fenómeno curioso começa quando se dá o movimento de regresso dos imigrantes para as férias de verão em Portugal. Sublinhemos, logo de início, que o espelho em que o rosto do emigrante se reflecte é

emblemática de uma anti-heroicidade portuguesa – símbolo de um fracasso colectivo indizível.

Alda Maria Lentina. “Literatura e diáspora portuguesa em França: a história de um “entre-deux”, *Cartografías del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp.392-414.

marcado por reflexos crus e agressivos, ao passo que o do rosto do português adopta tonalidades de superior perfeição. Assim, é sob o signo da metamorfose que a identidade do emigrante se desenha no espelho da realidade portuguesa. Esta metamorfose passa-se a vários níveis, levando o leitor a deparar-se com figuras de emigrantes estranhamente tocadas por mutações morfo-sociológicas¹⁴, mas igualmente por outras metamorfoses, revestidas de fortes conotações socioeconómicas, e que contribuem essencialmente para a transformação do emigrante num “corpo estranho” ou “intruso”, que ninguém reconhece ou com o qual ninguém se quer identificar. Assim, apelidos como os “fidalgos”, os “franciús” ou os “abecs”, aplicados aos emigrantes pelos portugueses, são indícios deste movimento de transfiguração e de rejeição. No romance *Este verão o emigrante lá-bas*, este movimento de repulsa desemboca numa verdadeira declaração de ódio ao emigrante, um “Horror, aos emigrantes!¹⁵”, declamada por um português num avião para Paris. Este trecho, é um caso exemplar do ideário sobre o emigrante ainda vigente em Portugal e sublinha a repulsa violenta do modelo de sucesso que poderia representar o “novo rico” emigrante. Neste caso,

¹⁴ Um dos exemplos mais acabado deste processo é revelado pelo olhar do velho sapateiro da vila, no romance *Entre o país e o longe*: “(...) ele nunca tinha saído dali, assistia, imóvel, ano após ano, à transformação das pessoas que conheceram ainda no berço (...). A metamorfose da Maria Ponte, outrora escura e desajeitada, agora toda importante (...), semelhante a certas atrizes que enchiam as páginas das revistas que às vezes lhe deixavam. Ou a magrizela Ana do Cantoneiro que, em poucos anos, ficou anafada como um peru de Natal.” (Besse e Conde 1995:110).

¹⁵ “Horror!, os emigrantes!, uns ambiciosos, querem ser ricos. (...) ah, na Beira estragaram a paisagem! Medonho! Medonha a construção das vivendas. (...) que mau gosto!, deviam proibi-los, de que lhes serve a fortuna?, há mãos a que não devia chegar o dinheiro. (...) ouvi-los falar é um pratinho, que prato!, sabem lá eles francês se nem sequer aprenderam português!” (Gonçalves 1978: 87).

o seu sucesso económico acaba por ser invalidado porque está associado à falta de gosto, à pobreza mental e ao iletrismo. Numa segunda leitura, o que a metamorfose do emigrante revela, é a “transgressão” do nivelamento social estabelecido pelas “elites portuguesas”, para quem este representante da emigração económica não combina com a imagem épica e heróica da Nação portuguesa. Finalmente, a figura do emigrante funcionaria aqui como o reflexo perturbado/deformado “do esplendor português”. Ora, no romance *Entre o país e o longe*, é justamente a personagem trânsfuga de Miguel, filho de imigrantes em França, que expressa esta distorção entre o imaginário português e a realidade da emigração. Pois, a personagem sente “a urgência da reflexão, a necessidade de encontrar uma explicação para a distância que existia entre os emigrantes e o país (...)” (Besse e Conde 1995: 152). Mais tarde, ao analisar a posição do emigrante na sociedade portuguesa, Miguel acaba por reconhecer que:

Afinal, enquanto uns exprimiam a sua posição social com carros rutilantes ou com casas que exalavam dimensões inesperadas, outros revelam-na nas margens da língua, na maneira como pegavam na chávena ou manejavam o talher, na forma de se vestirem (...). Os emigrantes talvez não passassem de um espelho onde se reflectiam, de forma caricatural, até aos limites do absurdo, as frustrações do próprio país, com a sua mania das aparências (...). (Besse e Conde 1995: 152)

De maneira geral, poderíamos considerar que são estas mesmas atitudes elitistas que marcam a origem da “rasura simbólica”, aludida por Ana Paula Coutinho, e de que padece o tema da emigração na literatura. Pois, não é de admirar que sejam ainda

estas “elites literárias portuguesas¹⁶” que recusem ver nos romances da diáspora portuguesa, o verdadeiro reflexo da identidade portuguesa. Em vez disso, limitam-se a reproduzir as clivagens entre o que seria matéria digna para a “Grande Literatura” e o que não seria. Pois, como confirma Maria Isabelle Vieira:

Écrire sur l’émigration économique au Portugal semble encore un choix téméraire, car malvenu et dérangeant. Paradoxalement bien que ce phénomène soit une constante de la société portugaise, il n’a pas encore été digéré et la honte et l’humiliation entachent le sujet : on continue à faire la différence entre le Portugais qui dilate les frontières ayant accédé au mythe et celui qui passe les frontières, anti-mythique, ne pouvant être un personnage à la hauteur de “la grandeur du Portugal” et les critiques littéraires semblent mal à l’aise pour apprécier cette littérature et attendent encore “le roman qui abordera la grandeur de la diaspora portugaise”, le mot “grandeur” est à souligner. (Vieira 2013: 72)

Porém, à luz desta última afirmação, um dos grandes méritos dos autores considerados para este estudo, é construir e dar a ler, através da acumulação de vozes e de vivências, o corpus de uma experiência humana silenciada até hoje, conseguindo, em definitiva,

¹⁶ Convém aqui citar como exemplo, um artigo de revisão de Álvaro Manuel Machado escrito sobre o romance de Olga Gonçalves, *Este verão o emigrante lá-bas*. Com efeito, este artigo, sob pretexto de defender “uma certa arte literária”, retira todo o valor testemunhal e sociológico à obra da autora. Na obra, o crítico sublinha “um emaranhado ritmo coloquial, sem invenções, registando monotonamente, como um gravador impessoal, os ‘achados’ bilinguísticos dos emigrantes em França. E estes ‘achados’ bilinguísticos, até porque não são seleccionados, não chegam a atingir o domínio da renovação narrativa: são antes expressão em bruto dum tristíssimo atraso social, duma ignorância degradante e por vezes grotesca (mas nem este grotesco pode ser explorado dramaticamente).” (Machado 2015: 81).

Alda Maria Lentina. “Literatura e diáspora portuguesa em França: a história de um “entre-deux”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp.392-414.

responder de uma maneira vibrante à pergunta lançada por G. Spivak, “Les subalternes peuvent-elles parler?” (Spivak: 1988), e ao mesmo tempo, operando o que Pierre Bourdieu preconizava: “Fazer falar os que são falados¹⁷”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Corpus citado:

- Batista, C. (2005). *Le poulailler*, Paris, Albin Michel.
- Besse, M. G. (1993). *Nas margens do Exílio*, Lisboa, Publicações Europa-América.
- Besse, M.G. e Conde, D. (1995). *Entre o país e o longe*, Lisboa, Editorial Escritores.
- Gonçalves, O. (1978). *Este verão o emigrante lâ-bas*, Lisboa, Moraes editores.
- Paulino-Neto, B. (2003). *Jaime Baltazar Barbosa*, Paris, Verticales.
- Paulino-Neto, B. (1994). *La mélancolie du géographe*, Paris, Grasset.
- Peixoto, J. L. (2005). *O Livro*, Lisboa, Quetzal Editores.

BIBLIOGRAFIA GERAL:

- Besse, M. G. (1999). “Olga Gonçalves e a intimidade da emigração”, revista *Latitudes*, nº 5 - abril/maio, pp. 9- 13, Paris.
- Bhabha, H. K. (2007). *Les lieux de la culture. Une théorie postcoloniale*, Paris, Payot.

¹⁷ Expressão da autoria de Pierre Bourdieu, num programa de rádio *France Culture* de Jean Lebrun. Redifusão no dia 17 de Fevereiro de 1992 (França).

Alda Maria Lentina. “Literatura e diáspora portuguesa em França: a história de um “entre-deux”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp.392-414.

- Coutinho, A. P. (2005) “O português migrante: uma leitura da revista *Peregrinação*”, in *Cadernos de literatura Comparada 8/9: Literatura e identidades*, Orgs. Ana Luísa Amaral, Gonçalo Vilas-Boas, Rosa Maria Martelo. Porto/Faculdade de Letras da Universidade do Porto. [Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4521.pdf> - última consulta: 24/09/2015].
- Coutinho, A.P. (2004). “Corps en exil. Quelques configurations chez des auteurs portugais ou d'ascendance portugaise” in Actes du colloque international *Temporalités de l'exil*, Lisboa: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras do Porto.
- Gilroy, P. (2000). *Against Race: imagining Political Culture beyond the color line*, Boston, Harvard University Press.
- Jorge, S. R. (2009). *Sobre mulheres e estrangeiros: alguns romances de Olga Gonçalves*, Niterói, EDUFF.
- Kriteva, J. (1988). *Étrangers à nous-mêmes*, Paris, Fayard.
- Lourenço, E. (2004). *A nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, Paris, Gradiva.
- Machado, Á. M. (1980). “Este Verão o Emigrante là-bas de Olga Gonçalves”, Recensão crítica, in *Revista Colóquio/Letras*. nº 55, Maio 1980, Lisboa. [Disponível em <http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/do?bibrecord&id=PT.FCG.RCL.2251> - última consulta: 11/12: 2015].
- Santos, B. de Santos (2013). *Pela Mão de Alice. O social e o político na Pós-Modernidade*, Vila Nova de Famalicão, Edições Almedina.
- Santos, B. de Santos (2006). *A gramática do tempo. Para uma nova cultura política*, Lisboa, Edições Afrontamento.

Alda Maria Lentina. “Literatura e diáspora portuguesa em França: a história de um “entre-deux”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp.392-414.

- Sayad, A. (2006). *L'immigration ou les paradoxes de l'altérité*. Vol. 1, 2 e 3, Paris, Raisons d'Agir.
- Sibony, D. (1991). *Entre-deux. L'origine en partage*, Paris, Ed. du Seuil.
- Spivak, G. (1988). *Les subalternes peuvent-elles parler ?*, Paris, Editions Amsterdam.
- Vieira, I. (2010). *Regards croisés francophones et portugais: les images des Portugais dans la littérature romanesque contemporaine (1950-2000)*. Tese de doutoramento, Paris, Université de Paris Ouest – Nanterre la Défense.
- Vieira, I. (2013). “Images des Portugais migrants dans les romans français et portugais (1950-2000)”, in *Revue Ecartés d'identité*, n°121/2013. [Disponível em <http://www.revues-plurielles.org/uploads/pdf/1379338740.pdf> - última consulta: 08/12/2015].

Alda Maria Lentina. “Literatura e diáspora portuguesa em França: a história de um “entre-deux”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp.392-414.